

Edineia Xavier Pereira de Lacerda
Luciana Teles Moura Pirola

VOZES DO CORDEL NARRATIVAS DE VIDA E ESPERANÇA



Uma coletânea de cordéis
retratando memórias, saudades e
reflexões sobre a vida através da
tradição poética nordestina

**Edineia Xavier Pereira de Lacerda
Luciana Teles Moura Pirola**

VOZES DO CORDEL
NARRATIVAS DE VIDA E ESPERANÇA
Uma coletânea de cordéis retratando
memórias, saudades e reflexões sobre
a vida através da tradição poética
nordestina

1ª Edição

Diálogo Comunicação e Marketing
São Mateus
2025

Vozes do cordel - Narrativas de vida e esperança: Uma coletânea de cordéis retratando memórias, saudades e reflexões sobre a vida através da tradição poética nordestina © 2025, Edineia Xavier Pereira de Lacerda e Luciana Teles Moura Pirola.

Orientadora: Prof.^a Doutora Luciana Teles Moura Pirola.

Curso: Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação.

Instituição: Centro Universitário Vale do Cricaré – UNIVC.

Edição: Luciana Teles Moura Pirola.

Projeto gráfico e editoração: Diálogo Comunicação e Marketing.

Diagramação: Ilvan Filho.

DOI: 10.29327/5701029

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L131v	Lacerda, Edineia Xavier Pereira de. Vozes do cordel - Narrativas de vida e esperança: Uma coletânea de cordéis retratando memórias, saudades e reflexões sobre a vida através da tradição poética nordestina / Edineia Xavier Pereira de Lacerda, Luciana Teles Moura Pirola. São Mateus, ES : Diálogo Comunicação e Marketing, 2025. 77 p. : il. foto. color. ; 21 cm. ISBN 978-65-6013-167-5 1. Literatura brasileira – Poesia Popular. 2. Cordel. 3. Região Nordeste. I. Pirola, Luciana Teles Moura. II. Título. CDD – B869.91
-------	--

Bibliotecária Amanda Luiza de Souza Mattioli Aquino – CRB5 1956

LICENÇA PARA COMERCIALIZAÇÃO

Este material destina-se exclusivamente a fins acadêmicos e educativos.

É proibida a venda, reprodução ou distribuição com finalidade comercial (incluindo publicidade, patrocínio ou monetização em plataformas digitais).

Permite-se a circulação não comercial, desde que preservados o anonimato dos autores, a integridade dos textos e esta nota.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
SAUDADE DA INFÂNCIA	11
HISTÓRIA DE VIDA	13
CADEIA DO SILÊNCIO	16
MINHAS VIVÊNCIAS	18
MINHA INFÂNCIA COM MINHA AVÓ	21
SONHOS E ESCOLHAS	23
O QUE GUARDO NA MEMÓRIA	25
A VIDA DO MENINO POBRE	27
O PREÇO DE UM CAMINHO ERRADO	29
SAUDADE DA MINHA TERRA	31
VOZES DO SILÊNCIO	33

O CORDEL E A MUDANÇA	35
SAUDADE DO TEMPO BOM	37
SAUDADE DA INFÂNCIA	39
AMIZADES E CONVIVÊNCIA ESCOLAR	41
EU NÃO OUVI MINHA VOVÓ	43
A CASA DOS MEUS PAIS NO SERTÃO	45
ESCREVIVENDO A VIDA	47
SAUDADES QUE APERTA	49
O VALOR DA LIBERDADE	51
A VOZ QUE EU IGNOREI	53
SAUDADES E ARREPENDIMENTO	55
VOZ DE DENTRO DAS GRADES	57

DOS SONHOS Á SOLIDÃO	59
O DESTINO DE JOÃO	61
NARRATIVA DA VIDA: CORDEL DE QUEM VIVE E SENTE	63
MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA	65
SONHO DE UM MENINO PRESO	67
SAUDADE DO MEU LUGAR	69
NOS VERSOS DA LIBERDADE	71
O PREÇO DE UM CAMINHO ERRADO	73
POSFÁCIO	74
REFERÊNCIAS	75
OS AUTORES	77

APRESENTAÇÃO

Esta coletânea de cordéis nasce de uma pesquisa desenvolvida no âmbito de uma dissertação de mestrado, cujo propósito foi investigar práticas de letramento literário em contextos de privação de liberdade. O produto educacional aqui apresentado reúne textos produzidos pelos próprios participantes do estudo, que encontraram no cordel um espaço legítimo para registrar experiências, percepções e vivências. Cada poema revela fragmentos de realidade: memórias, afetos, territórios e percursos de vida que, ao ganharem forma em versos, também ganham lugar de reconhecimento.

Assim como a palavra, a imagem também fala. Por isso, esta coletânea traz xilogravuras que dialogam com os poemas, ampliando sentidos e acrescentando novas camadas de leitura. As xilogravuras — tradicionalmente associadas à estética do cordel — não apenas ilustram os textos, mas os interpretam visualmente, conferindo-lhes textura, movimento e identidade cultural. A arte de entalhar na madeira e imprimir sobre o papel reflete, de modo simbólico, o próprio gesto dos autores: transformar a dureza da matéria-prima (a madeira, a experiência, o vivido) em expressão sensível e compartilhada.

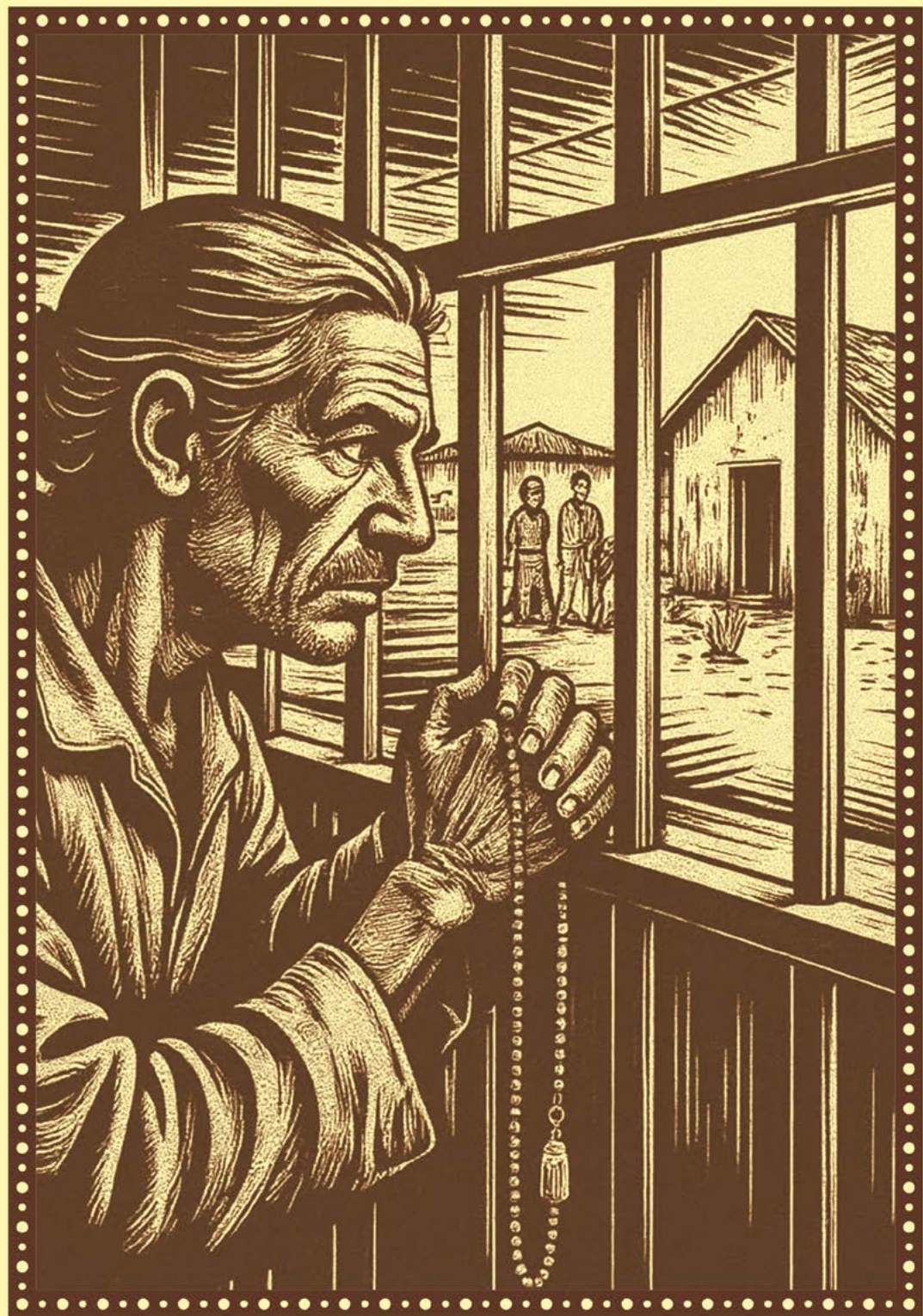
Mais do que um simples registro de atividades, este volume materializa um processo educativo que valoriza a voz e o olhar de seus autores, evidenciando a potência da literatura e da arte popular como ferramentas de inclusão, formação

e afirmação de identidades. Ao resgatar uma tradição brasileira, a escrita em cordel e a xilogravura mostraram-se recursos pedagógicos férteis para estimular a expressão criativa, a reflexão crítica e o fortalecimento do pertencimento. A leitura — e também a observação das imagens — deve ser conduzida com respeito e sem julgamento, acolhendo a autoria e a singularidade de cada experiência aqui compartilhada.

Chamamos este volume de arquivo de vozes e imagens porque é, antes de tudo, uma curadoria que guarda, sem hierarquias, aquilo que foi dito, sentido e representado pelos autores. Cada cordel e cada xilogravura foram mantidos em sua integridade expressiva; cabe a nós, leitores e leitoras, exercer uma escuta e um olhar atentos, sem antecipar interpretações, preservando o cuidado com a forma e a dignidade do que nos é confiado. Nossa edição organiza, apresenta e torna acessíveis os textos e as imagens — sem interferir na voz nem no traço que lhes dão sentido.

Por fim, reafirmamos os compromissos de anonimato e salvaguardas: os autores são identificados apenas por iniciais, conforme consentimento informado; informações que pudessem levar à identificação direta não foram incluídas, e eventuais pistas indiretas foram generalizadas quando necessário. Este material destina-se à leitura e circulação não comercial para fins acadêmicos e educativos, com preservação estrita do anonimato e da integridade das produções.

Que este encontro com o cordel e com a xilogravura — entre memória, linguagem e esperança — siga abrindo caminhos de escuta, aprendizado e humanidade.



SAUDADE DA INFÂNCIA

Quando eu era só criança,
Tinha o mundo pra correr,
Mas joguei fora a esperança,
Não soube reconhecer.
Hoje choro na lembrança,
Do que eu tinha sem saber.

Brinquei muito no terreiro,
Vi fogueira a queimar,
Mas troquei pelo dinheiro,
Que só veio me enganar.
Hoje estou num cativeiro,
Sem ter pra onde voltar.

Minha mãe me dava abraço,
Meu pai sempre me ensinou,
Mas segui por outro traço,
Foi assim que tudo andou,
Hoje eu olho no espaço,
Onde a vida me parou.

O sorriso dos amigos,
Os domingos de quintal,
Eu troquei por maus abrigos,
Caminhei pra o lado mau.
E agora pago castigo,
Pelo erro sem igual.

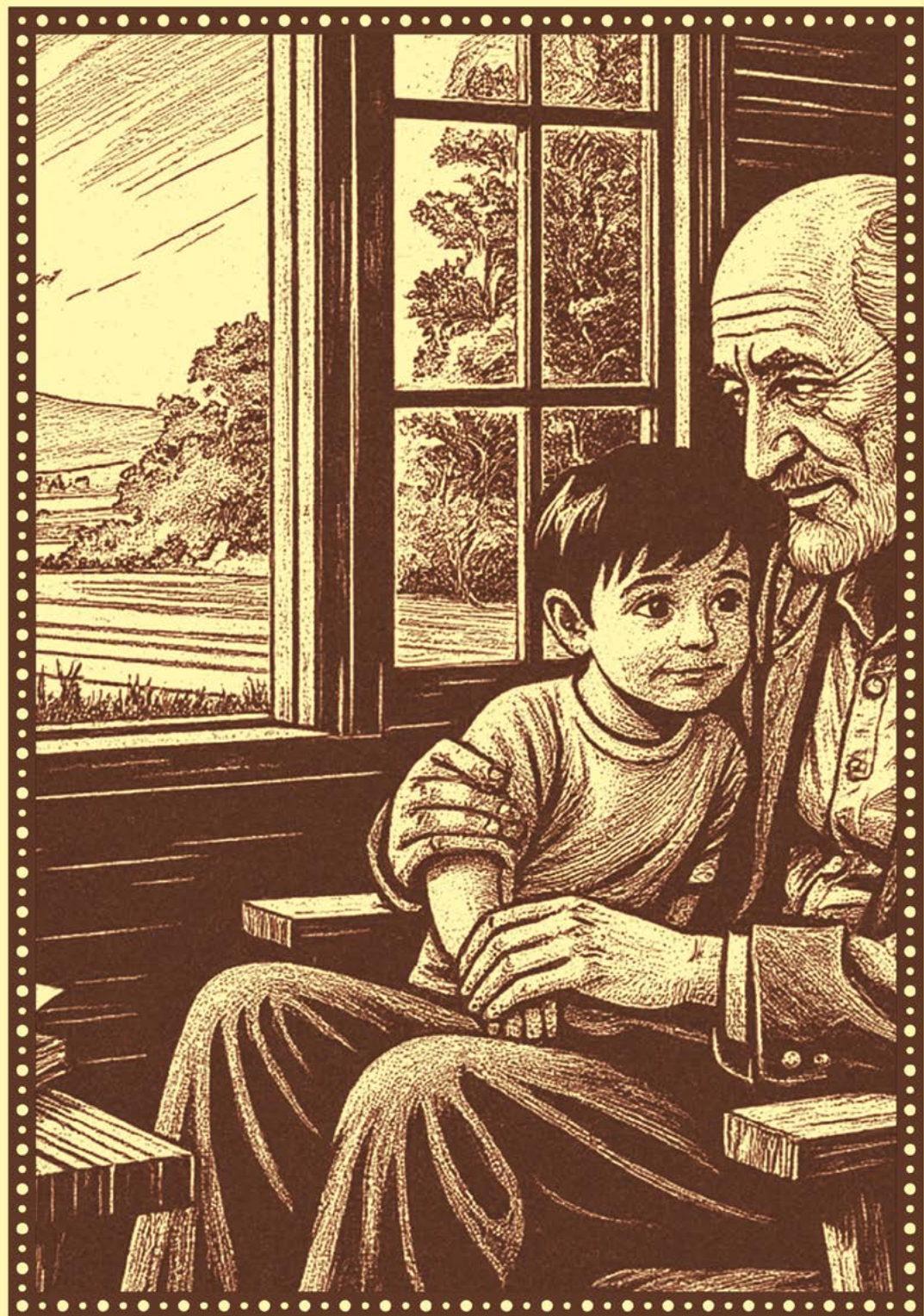
Se eu soubesse dar valor,
Aos conselhos que ouvi,
Não estaria nessa dor,
Sem ter pra onde fugir.
Mas o tempo, sem rancor,
Só me ensina a seguir.

Cada rima que eu componho,
Traz o gosto do passado,
De um tempo tão risonho,
Que deixei abandonado,
Hoje vivo só de sonho,
E de um chão sufocado.

Se um dia eu for embora,
Vou tentar reconstruir,
Dar valor a nova aurora,
E jamais deixar cair.
Pois a vida é professora,
Pra quem quer reaprender a rir.

Quero o tempo que se perdi,
Minha infância de criança,
Vou buscar o que esqueci,
Renovar minha esperança.
Pois quem aprende a cair,
Vai saber fazer bonança.

J. M. S



HISTÓRIA DE VIDA

Toda história de vida
foi feita para ser contada.
A lágrima foi colocada nos olhos,
gostaria de ser derramada;
que fosse por uma escolha certa
e não por uma escolha errada.

Quando criança, tive uma vida
que era de se admirar.
Meu avô sempre fez de tudo,
nada me deixava faltar;
até se dobrava no meio
para a escola poder pagar.

Na minha pré-adolescência
logo comecei a trabalhar.
Tive que faltar à escola
para a minha avó eu poder ajudar;
isso me doeu na alma,
pois eu amava estudar.

Ajudante de serralheiro,
ganhando vinte reais por dia,
o patrão sempre enrolava,
tinha vez que nem recebia;
passei a não aceitar
a vida que eu vivia.

O tempo foi se passando
e, em Vitória, fui morar,
na capital do Espírito Santo,
linda de se admirar.
Bairro da Penha é o palco
da história que estou a contar.

Envolvido com coisa errada,
comecei como avião;
por eu ser muito esforçado,
logo me tornei patrão.
Então alcancei o “salário”:
trinta e três anos de reclusão.

Presídio de Segurança Máxima,
seis anos de aprendizado,
para que o presente fosse
consequência do passado;
e então fui transferido
para o Norte do Estado.

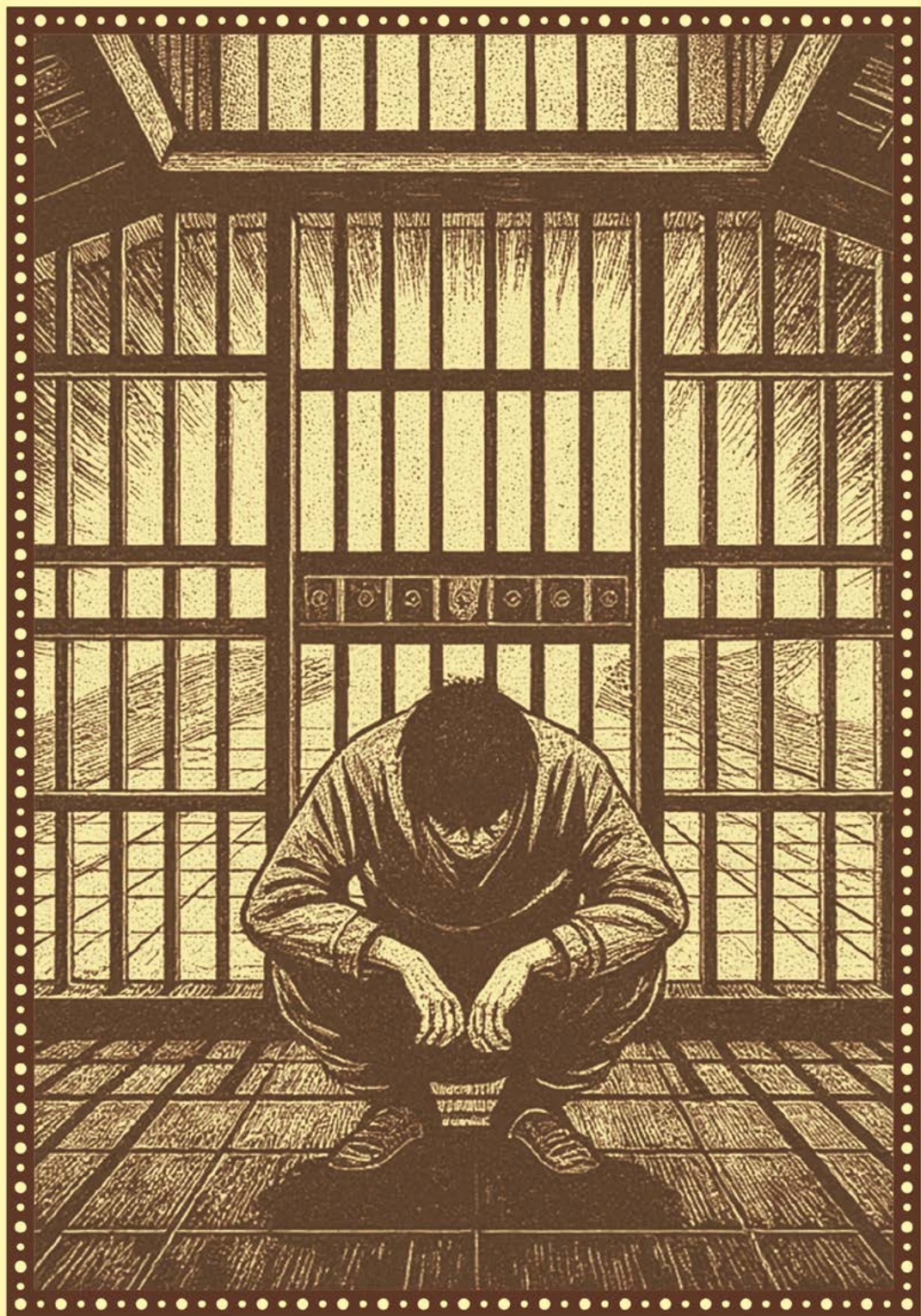
No presídio de São Mateus,
oportunidade de estudar:
pude realizar um sonho —
da formatura participar.
Em que ninguém acreditava,
alguém passou a acreditar.

E quando eu imaginava
que tudo se realizou,
o Espírito Santo de Deus
em mim se manifestou
e me disse, com sua doce voz,
que escolhido d’Ele eu sou.

E hoje vivo feliz,
mesmo privado da liberdade,
sabendo que a mentira
nunca vencerá a verdade;
tendo a certeza
de que não haverá mais saudade.

Agradeço a Deus
por ser um Deus paciente,
e a todos os professores
que mudaram a vida da gente.
Afirmo: o seu futuro
depende do seu presente.

W. S



CADEIA DO SILÊNCIO

Nas paredes frias do cárcere
só escuto o silêncio fundo,
o tempo aqui não tem fim,
é prisão dentro do mundo.
Meu peito sofre, cansado,
quer um sonho mais fecundo.

Entre grades e corredores,
o mundo parece distante,
cada dia é um espelho
do passado constante.
A saudade aperta forte,
e o tempo é esmagante.

O sol entra por frestas,
mas a luz é tão pouca,
na alma só um vazio,
que nunca se sufoca.
A esperança vacila,
num silêncio que sufoca.

O relógio marca as horas,
mas a alegria não vem,
só restam lembranças frias
dessa vida que convém.
A solidão é companhia,
que me abraça também.

A voz da mãe lá longe,
o canto que não escuto;
no peito só fica o pranto,
um aperto absoluto.
Mesmo preso nesse muro,
meu sonho é absoluto.

Dentro do peito arde
um desejo de liberdade:
sentir o vento na cara,
sem grades, sem vaidade.
Mas a cela é deserta,
que sufoca a vontade.

Mas dentro dessa prisão
surge a força de lutar,
romper essas correntes,
de novo caminhar.
A esperança é chama
que não vai se apagar.

E mesmo na solidão,
meu pensamento voa;
a mente nunca prende,
nem a dor que me entoa;
minha alma é livre,
na busca que não destoa.

F. P. J



MINHAS VIVÊNCIAS

Nasci no meio do mato,
um cantinho do sertão;
chão seco e céu aberto,
gente de coração.
Ali cresceu a família,
raiz forte da emoção.

Era menino sapeca,
brincava até me cansar,
soltava pipa e pão,
corria pra não apanhar;
o mundo era minha rua,
e eu, meu lugar de sonhar.

Minha mãe, mulher guerreira,
me ensinou com firme mão:
honre sempre sua palavra,
nunca venda o coração.
Meu pai dizia: “Meu filho,
tente: a vida é superação”.

Na escola tive um norte,
quis aprender e crescer;
vi que o livro é um portal
pra tudo que se quer ser.
Mesmo com pouco dinheiro,
busquei meu jeito de vencer.

Crescendo, veio o trabalho,
foi preciso arregaçar;
a enxada e o caderno
foram armas pra lutar.
Cada suor derramado
me fazia acreditar.

Os amigos, bons parceiros,
e a família, meu alicerce;
nas noites frias de dúvida,
o amor foi sempre um amigo
E na simplicidade da vida
achei mais do que consigo.

Criei coragem no peito,
saí pra mundo explorar;
descobri que há beleza
até onde dói ficar.
O amor veio de mansinho,
me pegou sem avisar;

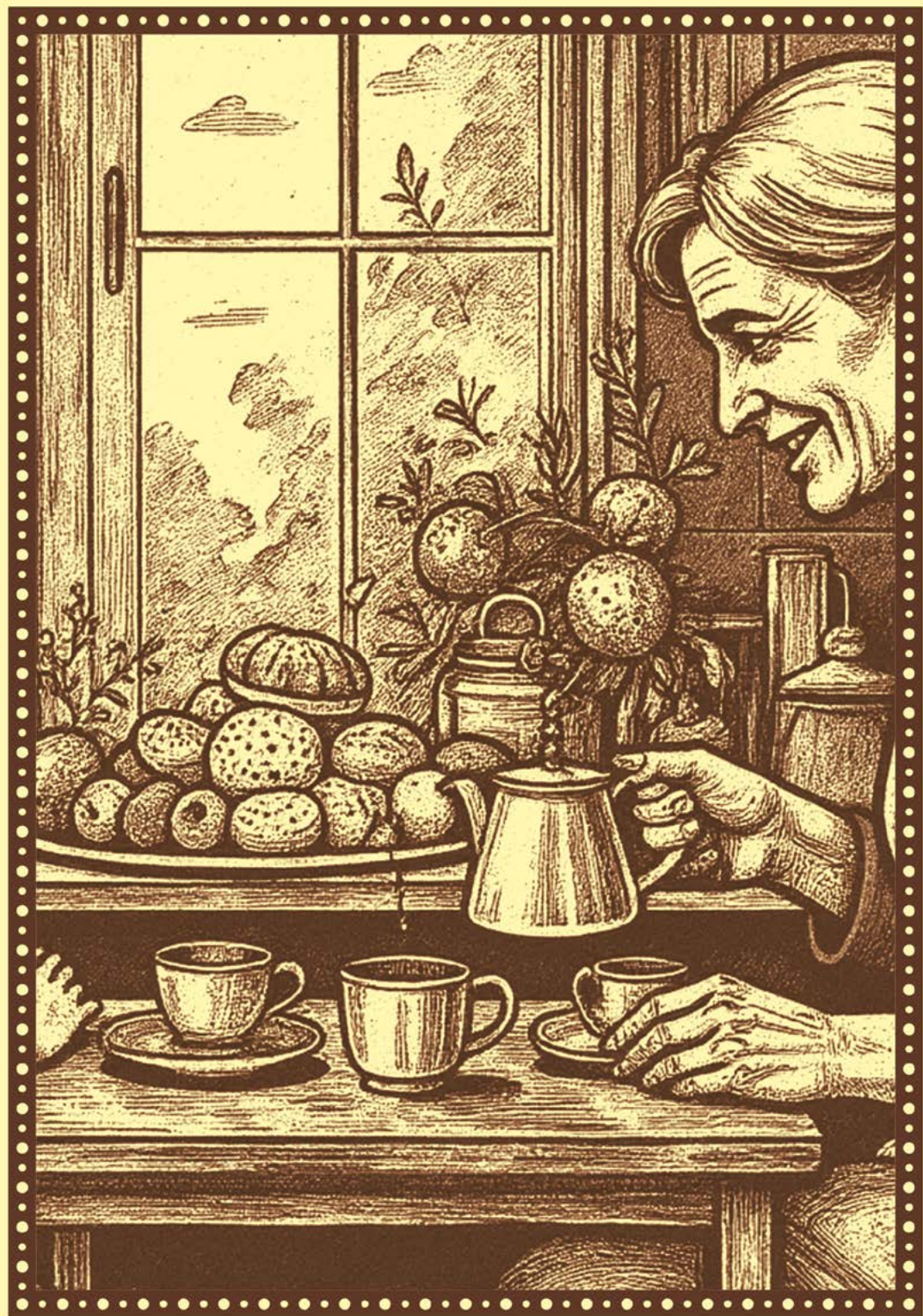
escrevi uma nova história
com quem quis me acompanhar.
Às vezes seguimos firmes,
às vezes no mesmo lugar.

Hoje olho pra minha estrada
e agradeço o que vivi;
cada dor, cada sorriso
cada sim que escolhi
As pedras foram degraus,
e os sonhos, o que construí.

O sertão ainda me abraça,
me chama de vez em quando;
nas noites que o peito aperta,
ouço o vento sussurrando;
volte para onde nasceu,
a paz está te esperando.

Assim vou seguindo em frente,
com a cabeça erguida e fé;
sou filho da minha gente,
sou semente de onde é;
e vivo em um cordel aberto,
e eu, poeta que ainda escreve.

D. S



MINHA INFÂNCIA COM MINHA AVÓ

Na casinha de madeira,
com janelas a ranger,
minha avó me recebia
com um sorriso a se abrir.
Seu colo era meu refúgio,
meu lugar para me acolher.

Ela contava histórias
de um tempo que já passou;
falava de seus amores,
dos caminhos que trilhou;
e, ouvindo a sua voz,
meu mundo todo parou.

No fogão de lenha aceso,
o café sempre a pingar;
um bolo quente na mesa
e o cheirinho a me chamar.
Era ali que eu aprendia
o que é amor no cozinhar.

No quintal, pé de acerola,
galinhas para alimentar;
eu corria entre as plantas
com meu cachorro a brincar.
Ela ria e me dizia:
“Vai, menino, se soltar.”

Sentada com o seu crochê,
as agulhas a dançar,
fazia um pano encantado
que ninguém ia desmanchar;

Quando o vento assoviava
e a chuva queria cair,
minha avó acendia velas
e começava a me cobrir:
“Não tenhas medo, criança,
Deus está sempre a nos ouvir.”

No inverno, as mãos dela
faziam mantos de lã;
me cobriam até o queixo,
para eu dormir até de manhã;
e contava uma história
com carinho de uma mãe.

Minha avó foi minha guia,
meu porto e professora;
com ela aprendi tanto
sobre a vida e seu valor:
a ser simples e bondoso,
a viver com mais amor.

Hoje, guardo na memória
cada gesto, cada olhar;
se fecho os olhos, é ela
que consigo enxergar.
Minha avó é minha raiz,
que o tempo não vai tirar.

N. S



SONHOS E ESCOLHAS

Em uma vila tão singela,
cresceu um menino sonhador;
tinha metas muito claras
de ser um grande protetor.
Policial ou bombeiro,
era o sonho cheio de ardor.

Queria ajudar a família,
dar a todos vida melhor.
Com esforço e muita luta,
prometia ser o maior;
mas a vida lhe mostrou
que o caminho nem sempre é flor.

Veio, de repente, a tentação
do dinheiro fácil e rápido;
o crime se apresentou
como atalho tão prático.
Mas, lá no coração,
viu que esse rumo era trágico.

Porém, a sede do luxo
e o brilho da ilusão
o atraíram para o abismo
sem pensar na correção.
A escolha o afastou
do sonho de proteção.

Logo veio a consequência,
como toda ação se vê:
a justiça o alcançou,
fez o tempo retroceder;
seu futuro tão brilhante
parecia se perder.

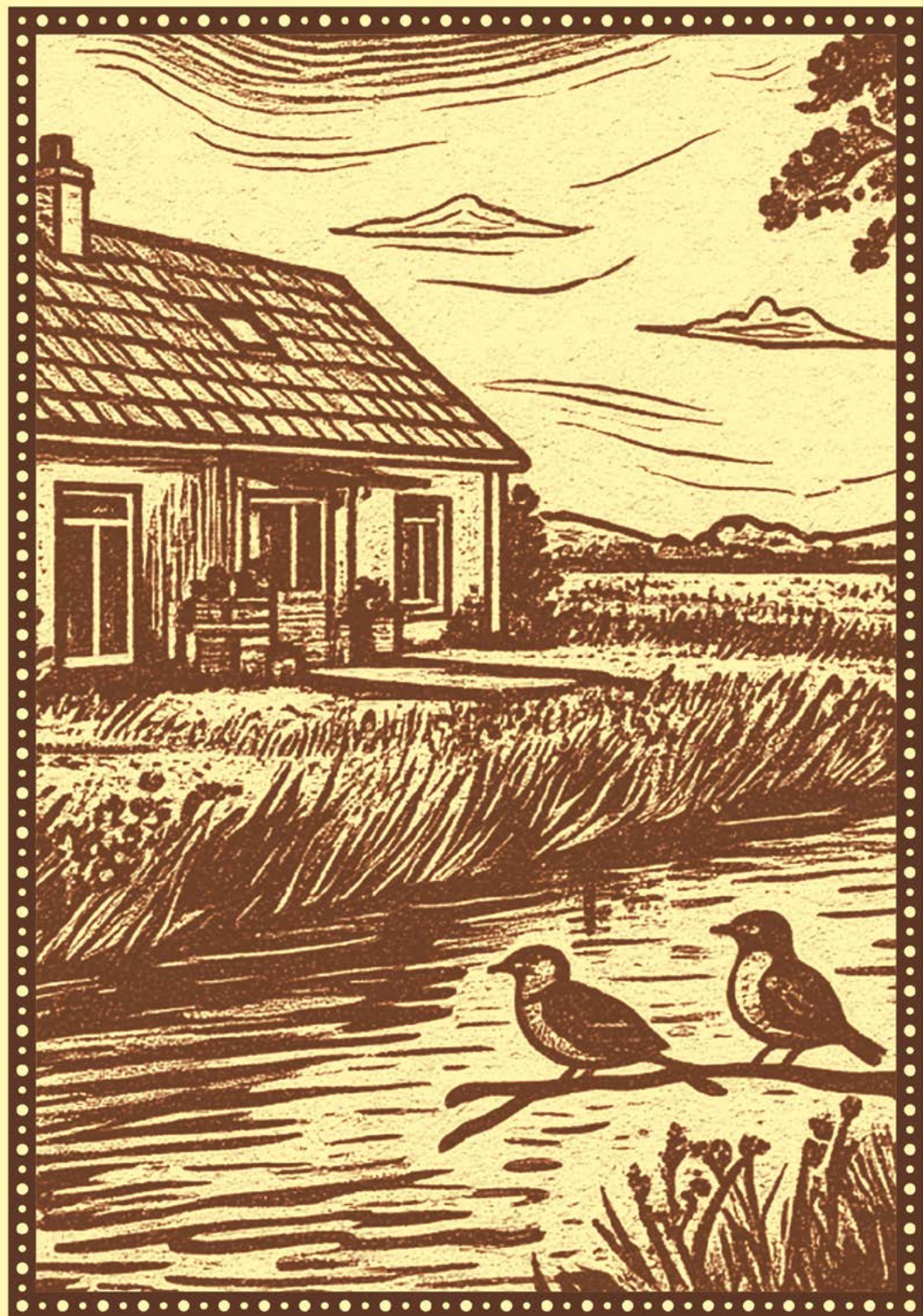
Na cela, fria e vazia,
refletiu com grande dor;
lembrou do sonho distante,
de ser herói, um protetor;
e viu que a escolha errada
só trouxe mais dissabor.

Decidiu buscar mudança
dentro da escuridão;
agarrou-se à esperança
do fundo do coração;
prometeu voltar mais forte,
com coragem e decisão.

Hoje conta sua história
para o jovem escutar:
que o crime é uma ilusão
que só leva a fracassar;
que sonhar com verdade
é caminho a trilhar.

Então lembra, com firmeza,
que a vida tem valor;
e que importa a escolha,
mesmo em meio à dor;
com fé e perseverança,
todo sonho ganha cor.

G. M



O QUE GUARDO NA MEMÓRIA

Eu trago dentro do peito
minha terra, meu lugar,
cada pedaço de história
que eu nunca vou apagar.
É saudade que aperta,
mas que vive a me guiar.

O sol nascia cedinho,
dourado o meu quintal;
o cheiro da terra úmida
era um perfume sem igual;
e os passarinhos cantavam,
fazendo o dia especial.

No terreiro tinha festa,
sanfona e gente a dançar;
uma roda cheia de risos,
e o luar vinha abençoar.
A gente cantava junto,
pra alegria se espalhar.

Tinha o rio lá no fundo,
correndo calmo, sereno;
era um espelho do céu
e do luar tão pequeno.
Quantas vezes mergulhei
no seu abraço ameno.

Os amigos de infância,
as brincadeiras no chão,
de pés descalços correndo,
sem hora pra diversão.
São lembranças tão vivas,
guardadas no coração.

Minha terra tinha cheiros
que não dá pra esquecer:
o café passado cedo,
e o bolo pronto a crescer;
e o mundo tão simples,
mas tão gostoso de viver.

Mas a vida tem seus rumos
e me fez pra longe ir,
deixei pra trás minha história
pra tentar outro porvir.
Hoje vivo da saudade,
que insiste em me seguir.

Quando fecho os meus olhos,
posso até ouvir o vento,
vejo os campos, sinto os cheiros,
volto àquele momento:
minha terra é refúgio
dentro de todo tormento.

Saudade dói e consola,
é um nó que não desata;
mas, na memória, minha terra
se mantém firme e intacta.
É o lugar que me moldou,
minha raiz, minha marca.

W. S



A VIDA DO MENINO POBRE

Num sertão seco e esquecido,
bem distante do mundão,
nasceu Pedro, um menino,
cheio de sonho e emoção.
Embora pobre de tudo,
era rico de coração.

Cresceu em chão de areia,
com o sol a queimar o rosto;
seu brinquedo era um graveto,
mas sorria de bom gosto.
Nos olhos trazia a força,
no peito guardava o posto.

Seu pai, homem de batalha,
tirava o sustento do chão;
a mãe, de olhar cansado,
fazia milagre no pão.
E Pedro, mesmo pequeno,
já tinha grande visão.

Na escola, tão modesta,
aprendia a acreditar;
com lápis curto e caderno,
escrevia pra sonhar:
“Um dia eu vou ser alguém
pra este mundo transformar!”

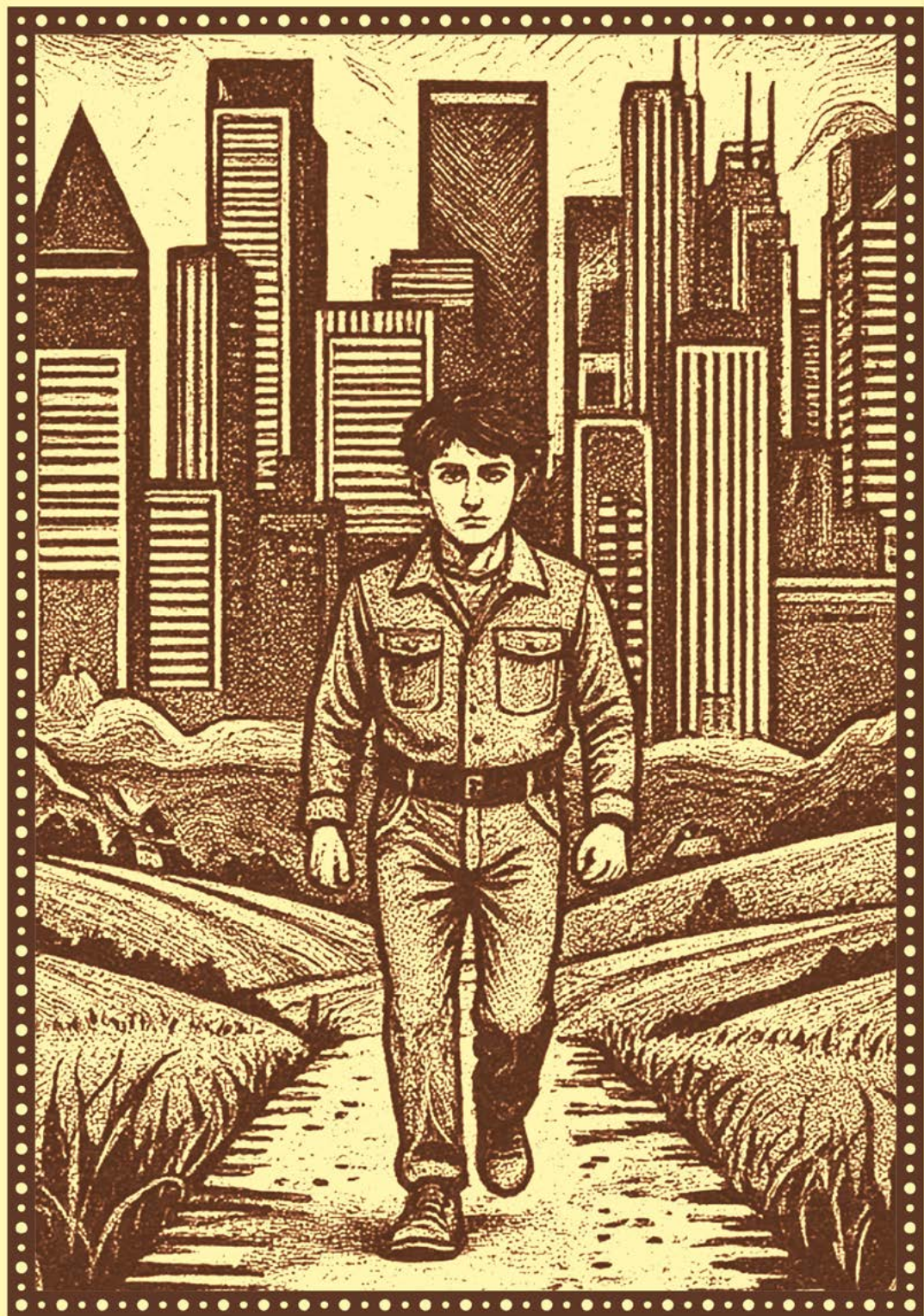
Na feira, ainda menino,
vendia fruta e balão
guardava cada trocado
com firmeza e devoção.
Sabia que a persistência
guiaria sua missão.

O tempo foi-se passando,
Pedro cresceu com vontade;
estudou, venceu barreiras,
conquistou a liberdade.
Mas jamais esqueceu a dor
de viver na necessidade.

Hoje ajuda outros meninos
que têm fome ou precisão;
ensina que a esperança
é maior que a escuridão.
Pedro, pobre na infância,
virou farol na multidão.

Assim termina a história
de Pedro, menino pobre,
que fez da vida um poema
e deu um nome nobre.
Do sertão ao mundo inteiro,
seu coração nunca se dobre.

A. S. R



O PREÇO DE UM CAMINHO ERRADO

Eu vim lá do meu sertão,
menino cheio de sonho;
deixei pra trás meu irmão,
o lar tão simples, risonho.
Na cidade quis tentar,
mas o destino foi medonho.

Lá na roça era alegria,
brincar com o gado ao vento;
no céu azul, a poesia,
mas logo veio o tormento;
busquei um futuro melhor
e me perdi no momento.

Na cidade grande e fria,
me senti logo perdido;
sem apoio ou companhia,
o coração foi ferido;
e nos becos desta vida
o erro foi decidido.

Conheci gente errada,
promessas de ouro e luxo;
minha alma foi marcada
por caminhos tristonhos;
o sertão eu abandonei,
e me tornei um luxo.

Troquei a paz da roça
pelo brilho da ilusão.
A violência foi minha traça,
e o crime, a tentação;
esqueci dos bons valores,
perdi a direção.

Hoje estou no cárcere frio,
penso na vida passada,
no riacho, na rocinha,
na infância tão encantada;
pagar caro é o destino
de uma escolha errada.

Se eu pudesse voltar lá,
refazer meu caminhar,
escutava meu pai falar:
“Seja justo e vá plantar”;
mas a pressa foi minha guia
e hoje só sei chorar.

O sertão era riqueza
e eu não soube enxergar;
hoje vejo, na tristeza,
que o simples pode alçar;
com valores de verdade,
nada pode nos pagar.

Fica aqui minha lição,
pais, o que eu aprendi:
eu levo no meu coração
que a vida pode abrir;
escolha o bem, siga em paz,
pois o erro faz ruir.

L. C



SAUDADE DA MINHA TERRA

Sinto saudade da terra que eu nasci,
do chão que me viu crescer e
aprender, onde a infância em sonho
eu vivi, e o tempo passou sem eu
perceber.
No peito, guardo o amor que nunca
vi, e a lembrança da terra, que nunca
vou esquecer.

Lá no sertão, eu estudava com raça,
com o livro na mão e o olhar de
quem quer; a escola pequena, mas
cheia de graça, me ensinava a lutar e
a entender.
O céu azul e o campo, com a paz
que se passa, faziam a alma do aluno
florescer.

Na beira do rio, com a mãe a chamar,
eu corria sem pressa, a brincar;
com os irmãos, a alegria a cantar,
a vida era simples, mas cheia de
encantar.

O sol no poente, a brisa a passar,
faziam a alma do aluno florescer.
Mas a saudade me aperta e me faz
recordar, lá no fundo do peito, a dor
vem doer;
a estrada ficou longa, mas sempre a
brilhar, pois Deus é meu guia, posso
crer.

Mesmo distante, continuo a sonhar
que ainda voltarei pra minha terra
para brilhar.

Hoje sou um adulto que busca o
saber, com o coração e a mente
no futuro; a saudade da terra me
faz entender, que a vida é um
aprendizado puro.

E, na memória da infância, posso ver
o amor da minha terra, que é meu
seguro.

E. A



VOZES DO SILÊNCIO

Silêncio da noite escura, a solidão vem me visitar, como sombra que não se afasta, e insiste em me acompanhar. No peito fica o vazio, que não sabe se vai passar.

Caminho só pelas ruas, com o mundo a me ignorar, procuro um rosto amigo, mas só encontro o luar. A voz que tanto eu queria, só o vento vem soprar.

Nos cantos da casa vazia, ecoa um triste cantar; são vozes que o tempo leva, sem nunca me consolar. O coração se aperta, sem saber onde ancorar.

Às vezes a noite pesa, e o dia é sem cor ou som; o relógio me lembra que estou aqui sem ninguém, na companhia da ausência que insiste e fica, então.

Pois mesmo na escuridão há luz que insiste em brilhar; no peito que sofre e espera o momento de se libertar. A solidão é passageira, basta só acreditar.

E quando a manhã chegar, com seus raios de calor, o vazio vai se romper com a força do amor; pois a vida é feita assim, de recomeços e cor.

Por isso sigo caminhando, mesmo só, sigo a andar; pois sei que em cada passo há um motivo pra sonhar. E a solidão, no fim, só ensina a amar.

E. R



O CORDEL E A MUDANÇA

No papel eu vou deixando
o que a vida já me deu;
cada rima que escrevo
traz pedaço do que é meu.
Vou juntando minha história,
recontando o que sofreu.

Cada estrofe é um espelho,
me mostrando quem eu sou;
o que ontem foi tristeza,
hoje já se transformou.
Se caí por tantos trilhos,
foi pra ver onde eu errei.

Já pensei que era o fim,
que eu não tinha solução,
mas, no verso, fui achando
outra rota, outra visão;
descobri que a caminhada
só precisa de direção.

Quem escreve se refaz,
dá um passo, cria asas,
diz seu nome com orgulho,
vai além daquelas casas
que um dia lhe trancaram,
mas não podiam calar suas asas.

Se a leitura já me abriu
um portal pro outro mundo,
quando eu mesmo escrevi
foi mais forte; foi profundo.
Me vi dono da palavra,
me senti um ser fecundo.

E se um dia me prenderam,
a poesia me soltou;
a caneta foi a chave
que essa cela destrancou.
Minha voz, que era muda,
no papel ressuscitou.

Quem diria que os meus versos
iam me ensinar a andar?
Que a palavra, tão pequena,
ia mesmo me mudar?
Hoje eu sei que sou mais forte,
tenho um novo caminhar.

Cordelista eu me tornei,
com orgulho, sem temor;
minha história hoje é minha,
escrita com mais amor.
Se tentarem me apagar,
sou poema redentor.

R. S. P



SAUDADE DO TEMPO BOM

Eu queria ter sabido
o valor que a vida tem,
quando eu era só menino,
sem pensar no amanhã.
Hoje choro esse tempo,
que não volta nunca, não.

Brinquei solto na rua,
sem ter pressa de voltar,
tinha mãe me esperando,
um lar para me aconchegar.
mas troquei tudo por nada,
e hoje só o que sei, é chorar.

Rejeitei conselho bom,
fui da onda da ilusão,
hoje vejo que era sonho
que me trouxe solidão
A infância que eu tive,
morreu dentro do meu chão.

O abraço da minha mãe,
o cheiro do café dela,
o sorriso do meu pai,
me ensinando que a vida é bela.
eu joguei tudo no vento,
hoje a dor bate na tela

Quem me dera ter de volta,
o quintal, o pé de flor,
a pipa solta no vento,
o abraço cheio de amor;
mas o tempo não perdoa,
só me deixa essa dor.

No papel eu revivo,
cada ruína me faz ver,
que o passado não retorna,
mas me ensina a aprender:
se errei lá no começo,
hoje é tempo de renascer.

Na escrita eu me refaço,
vou tentando me curar,
Se um dia foi perdido,
hoje tento me encontrar,
pois quem aprende com a vida
tem chance de recomeçar.

E se um dia eu sair,
vou voltar pro meu lugar;
quero um abraço apertado
de quem sempre quis me amar,
pois quem sente a saudade,
só deseja reparar.

M. D



SAUDADE DA INFÂNCIA

Saudade da infância,
ah, que falta eu sinto agora
do tempo bom que se foi.
Lá no mato, ao pé da aurora,
sem tristeza e sem depois.
Hoje o tempo não melhora,
só me deixa a sós com dois:

A saudade e a lembrança
do menino sonhador,
que sorria na esperança
de um futuro promissor;
mas a vida, tão amarga,
me trocou de corredor.

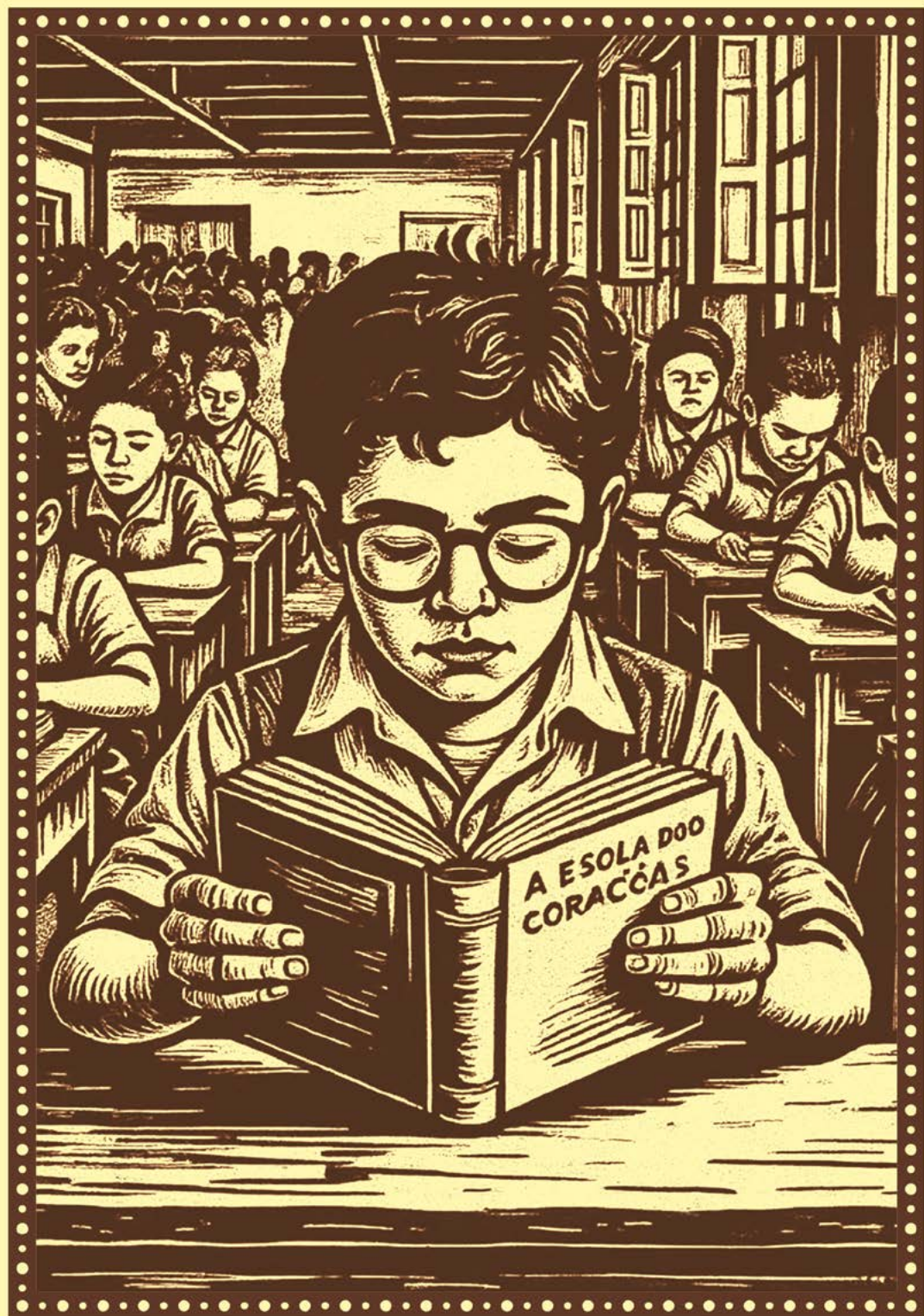
Brincadeiras no terreiro,
banho bom lá no riacho,
o abraço verdadeiro,
o arroz quente no tacho,
tudo isso era inteiro,
mas virou um grande facho.

Aqui dentro o chão é frio,
o silêncio me invade;
o relógio corre a fio
dessa dura realidade;
e o que um dia foi um rio,
hoje é mar de saudade

Se eu pudesse, ah, voltava,
e pisava a terra molhada;
via a lua que brilhava
na janela da morada
hoje as grades me separam
e me deixam aqui, sem nada.

Só me resta ter no peito
o que a vida me ensinou:
que a infância é um jeito
de guardar quem já passou.
Mesmo preso, imperfeito,
esse tempo em mim ficou.

V. J. P



AMIZADES E CONVIVÊNCIA ESCOLAR

Na escola a gente aprende
coisas que não estão nos livros,
e com o olhar do amigo
que a gente encontra abrigo;
é na amizade que a gente vê
como o mundo pode ser frio.

Tem dia que o coração pesa,
a tristeza vem sem avisar,
mas o amigo do lado
é quem ajuda a gente andar,
com um sorriso e um gesto
que dá forças pra continuar.

Na sala de aula, no pátio,
a gente vai se descobrindo;
cada amigo tem uma história
que vai te ensinando, te ouvindo.
A escola é esse lugar
onde vamos nos entendendo.

A convivência não é fácil,
tem dia que a gente briga,
mas é aí que a amizade cresce,
quando o perdão chega e abriga;
o respeito se fortalece
e a relação se dignifica.

É preciso escutar mais,
olhar além do que se vê,
porque um amigo verdadeiro
sabe tudo o que você é;
é na dor e na alegria
que ele vai estar com você.

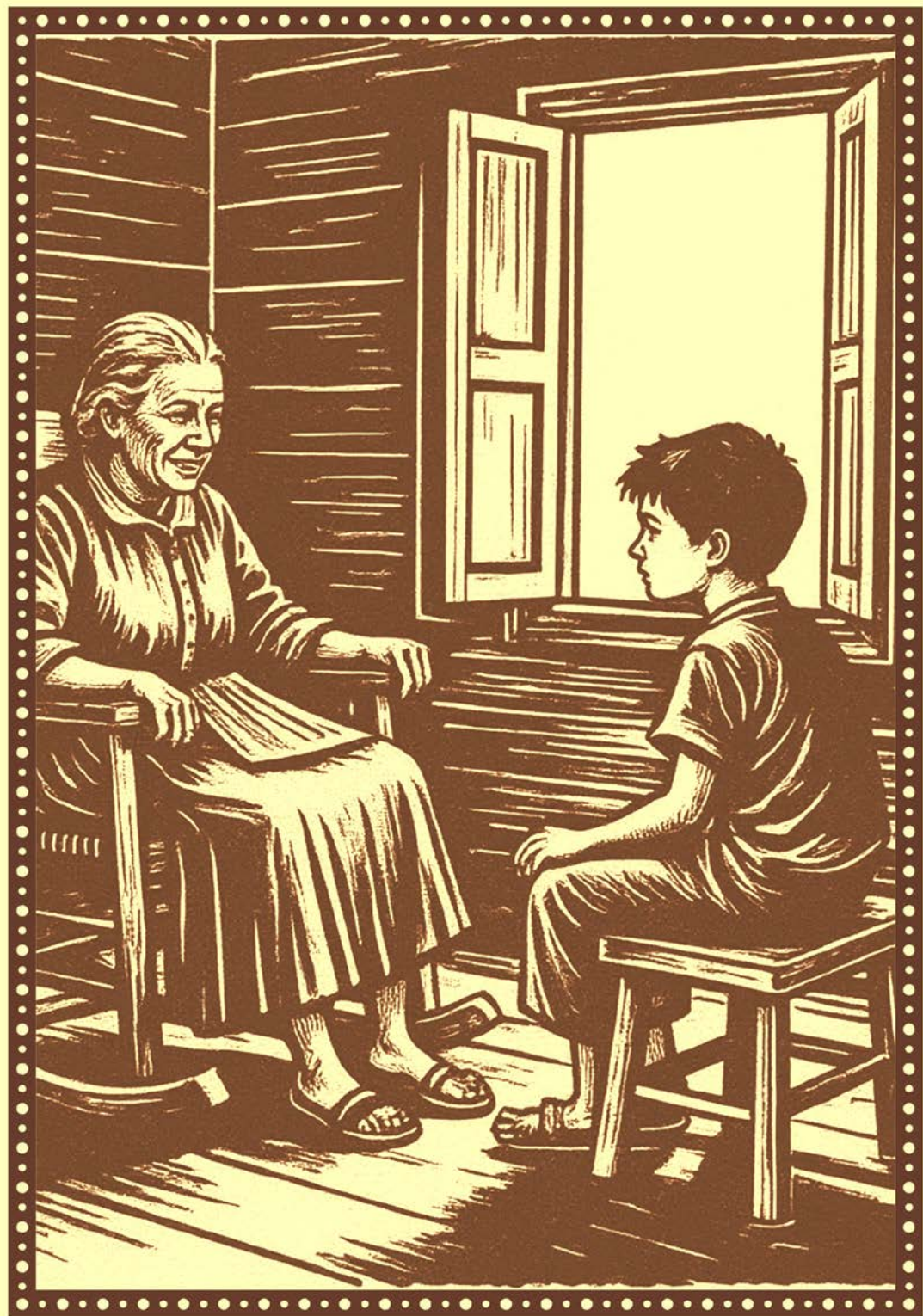
Às vezes, só um gesto simples,
um abraço ou um olhar,
é isso que faz a escola
ter algo especial no ar;
são os amigos que nos tornam
um lugar bom de se estar.

E quando o medo bate forte
e o futuro parece incerto,
os amigos são a luz
que indicam o caminho certo;
na escola, a amizade ensina
que nunca estamos no deserto.

Porque a convivência é arte:
é saber ser e se dar,
é entender que todo mundo
tem algo pra compartilhar;
e, na amizade verdadeira,
a gente encontra o lugar.

A escola não é só ensino,
é onde a vida vai se formar;
onde aprende mais a ser gente,
a nos respeitar e amar;
e, com os amigos do lado,
não há medo de errar.

C. E. O



EU NÃO OUVI MINHA VOVÓ

Fui criado com carinho,
vó Rosa me deu de tudo.
Me ensinou o que é direito,
me mostrou o bom estudo.
Mas eu quis o mundo fácil,
fui errante, fui mudo.

Ela sempre me alertava:
“Filho, escute o que eu falo;
dinheiro vindo depressa
é laço, é grande estalo.
Quem caminha pelo atalho
cai no fim dentro de um calo.

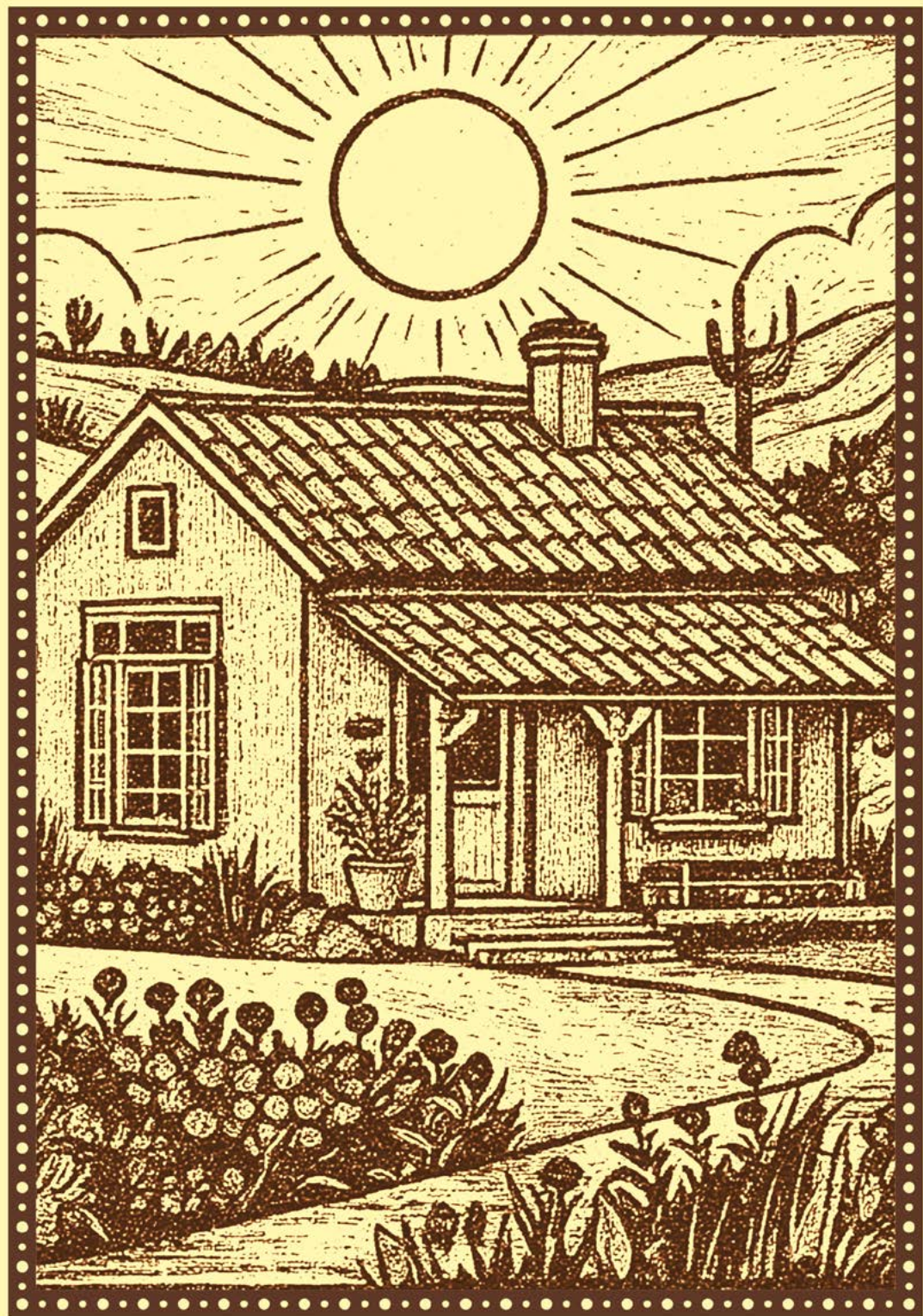
Mas eu quis andar sozinho,
não ouvi sua lição.
Me perdi nas madrugadas,
me afundei na ambição.
Quando vi, tava cercado,
fui pego sem direção.

Hoje estou nessa cadeia,
vendo o tempo se arrastar.
Nessa cela tão mofada,
só me resta lamentar.
Longe dela e sem afeto,
o que fiz? Só sei chorar.

Dava tudo pra ter de volta
um abraço apertadinho:
sentir cheiro de café,
ouvir “filho, vem cá, filhinho”.
Mas agora, atrás das grades,
só me resta esse espinho.

Se vovó me visse agora,
sei que ia entristecer;
pois me deu o melhor mundo
e eu só quis me perder.
tarde é pra quem não escuta,
e só aprende ao sofrer.

I. B. S



A CASA DOS MEUS PAIS NO SERTÃO

No sertão, havia uma casa,
tão simples, mas tão querida,
cercada de muitas árvores,
que davam sombra e vida;
ali cresci tão contente,
na paz de uma infância vivida.

O vento passava leve,
balançando o cajueiro,
e as folhas cantavam juntas
num som doce e verdadeiro;
a sombra era nosso abrigo,
quintal, nosso terreiro.

Em volta, um pomar repleto,
de frutos a perfumar —
tinha manga, caju, goiaba —,
que faziam a gente sonhar;
o doce sabor da infância
que o tempo não vai apagar.

Corríamos pelo terreiro,
debaixo do pé de um umbu,
brincadeiras sem destino,
com o céu tão limpo e azul;
era a liberdade plena
que só criança já viu.

Pela manhã, o sol nascia,
trazendo o dia pra nós;
a luz tocava as árvores
e acordava os curiós;
era um novo começo,
sob a bênção dos avós.

Minha mãe cuidava da horta,
meu pai plantava o feijão;
com as mãos firmes na lida
construíam nosso chão;
era pouco, mas era tudo
pra gente — vida do coração.

O fogão de lenha aceso
espalhava um cheiro bom
de café feito na hora,
com tapioca e pão;
o sabor daquele tempo
ainda vive em emoção.

Eu olho para o tempo
e sinto o peito apertar;
lembro das árvores altas
e do pomar a encantar;
a casa dos meus pais
é um lugar pra sempre amar.

O sertão ficou distante,
mas mora dentro de mim;
com suas cores e cheiros
que nunca terão um fim;
é memória e é saudade,
é meu começo e meu fim.

A. R. J



ESCREVIVENDO A VIDA

Na cela fria e vazia,
eu pego o lápis na mão,
escrevo a dor que me guia,
as sombras do coração.
Mas também vejo a esperança
que nasce na escuridão.

Cada verso é um espelho,
mostrando quem já fui eu;
meus erros viram conselho
no papel que agora é meu.
Transformo a dor em palavra,
e o mundo se abriu no breu.

Saudade bate no peito,
dos filhos, da minha amada;
o tempo passa sem jeito,
a vida fica pausada;
mas nos versos que eu acompanho,
a liberdade é sonhada.

O cordel me dá alento,
me ensina a recomeçar;
não apaga o sofrimento,
mas ajuda a suportar.
Se errar faz parte da vida,
aprender é continuar.

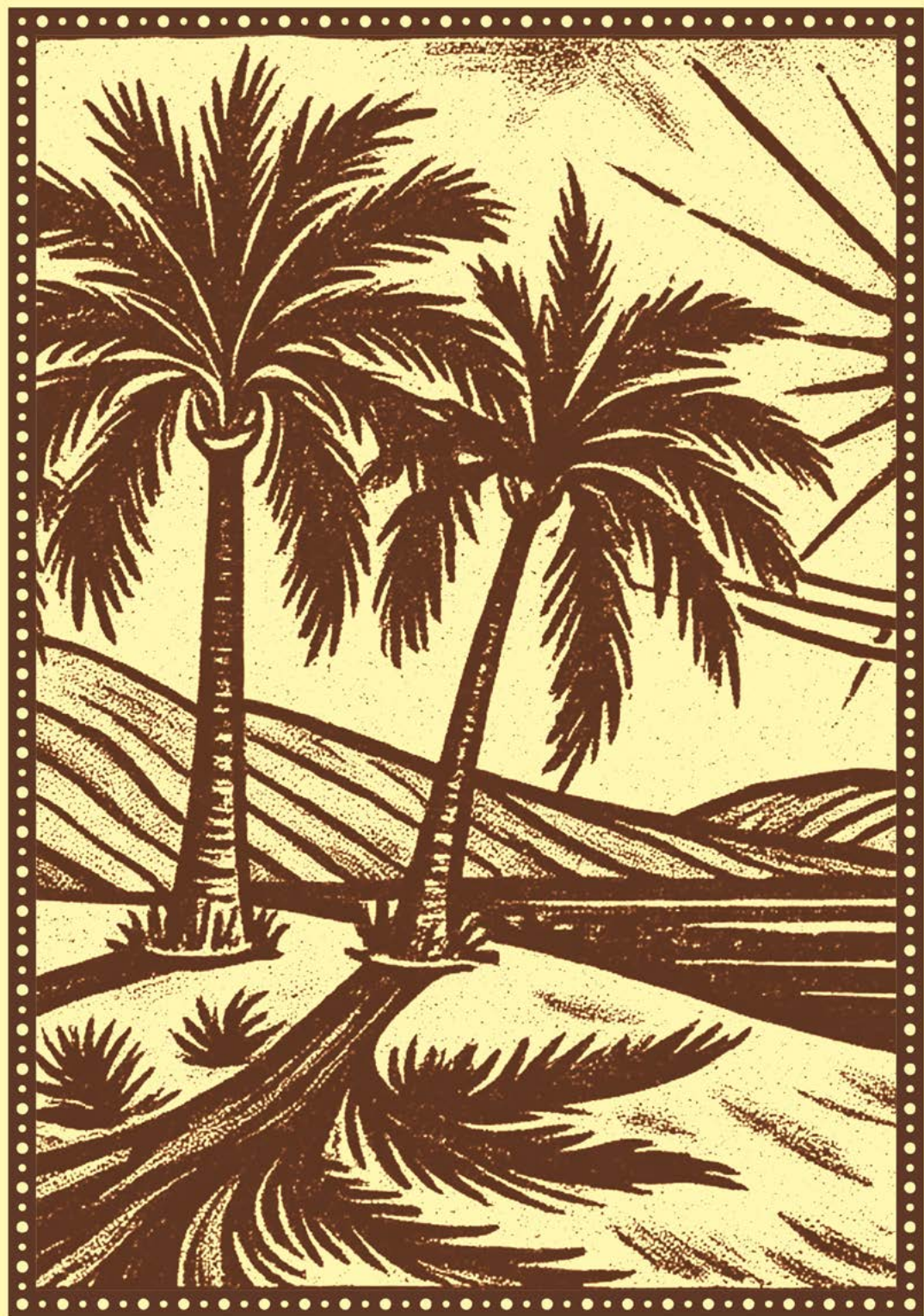
Eu sou mais que meu passado,
posso outro rumo traçar;
no papel sou libertado,
tenho o dom de transformar.
Se a vida me deu espinhos,
sei que posso resistir.

O estudo abre caminho,
me ensina a refletir;
com palavras faço ninho,
e aprendo a me ouvir.
Se a vida me deu espinhos,
sei que posso resistir.

A escrita me dá um norte,
faz minha alma voar;
no papel eu sou mais forte,
posso o mundo recriar.
Pois quem escreve a história
tem poder pra se mudar.

E quando a porta abrir,
e eu voltar para a sociedade,
quero a chance de seguir
com mais força e liberdade;
pois no cordel aprendi
a escrever minha verdade.

S. S



SAUDADES QUE APERTA

A saudade dói no peito,
feito o vento lá no chão;
traz de volta aquele jeito
dos meus tempos de pão.
Lá distante, satisfeito,
eu só tinha o coração.

Brincadeira no terreiro,
pé descalço na areia,
vovô vindo no alpendre,
o cachorro na soleira;
hoje, em meio ao cativeiro,
só me resta dor inteira.

Balançando na palmeira,
eu sonhava sem temer;
via o céu na ribanceira
e a vida florescer.
Hoje a cela é traiçoeira,
só me deixa padecer.

O café feito no fogo,
o cheirinho a me acordar,
cada dia era um jogo
de sorrir e de sonhar.
Hoje o tempo corre o rolo,
só me ensina a lamentar.

Se eu pudesse, voltaria
pra aquele abraço apertado,
pro calor que existia
no meu mundo abençoado;
mas agora, a luz do dia
vem em feixes, recortado.
O destino me prendeu,
mas não pode me roubar
o que a infância me deu,
ninguém pode me tomar.
Cada rastro que viveu
mora em mim, sem se apagar.

I. S



O VALOR DA LIBERDADE

A liberdade é um sonho
que o povo vive a buscar;
é como o vento que sopra,
sem ninguém para segurar;
um direito que é divino
e não pode se calar.

Seja livre o pensamento
e também o coração;
não há “grandes” que aprisionem
a força de uma paixão.
Liberdade é resistência
e luta por solução.

No campo ou na cidade,
o desejo é sempre igual:
ser livre para ter justiça
para um mundo mais legal;
onde todos têm voz forte
e o respeito é natural.

Liberdade é ter a escolha
de viver sem opressão;
é poder erguer a voz
sem ter medo da prisão;
é dizer o que se sente
e ser dono da razão.

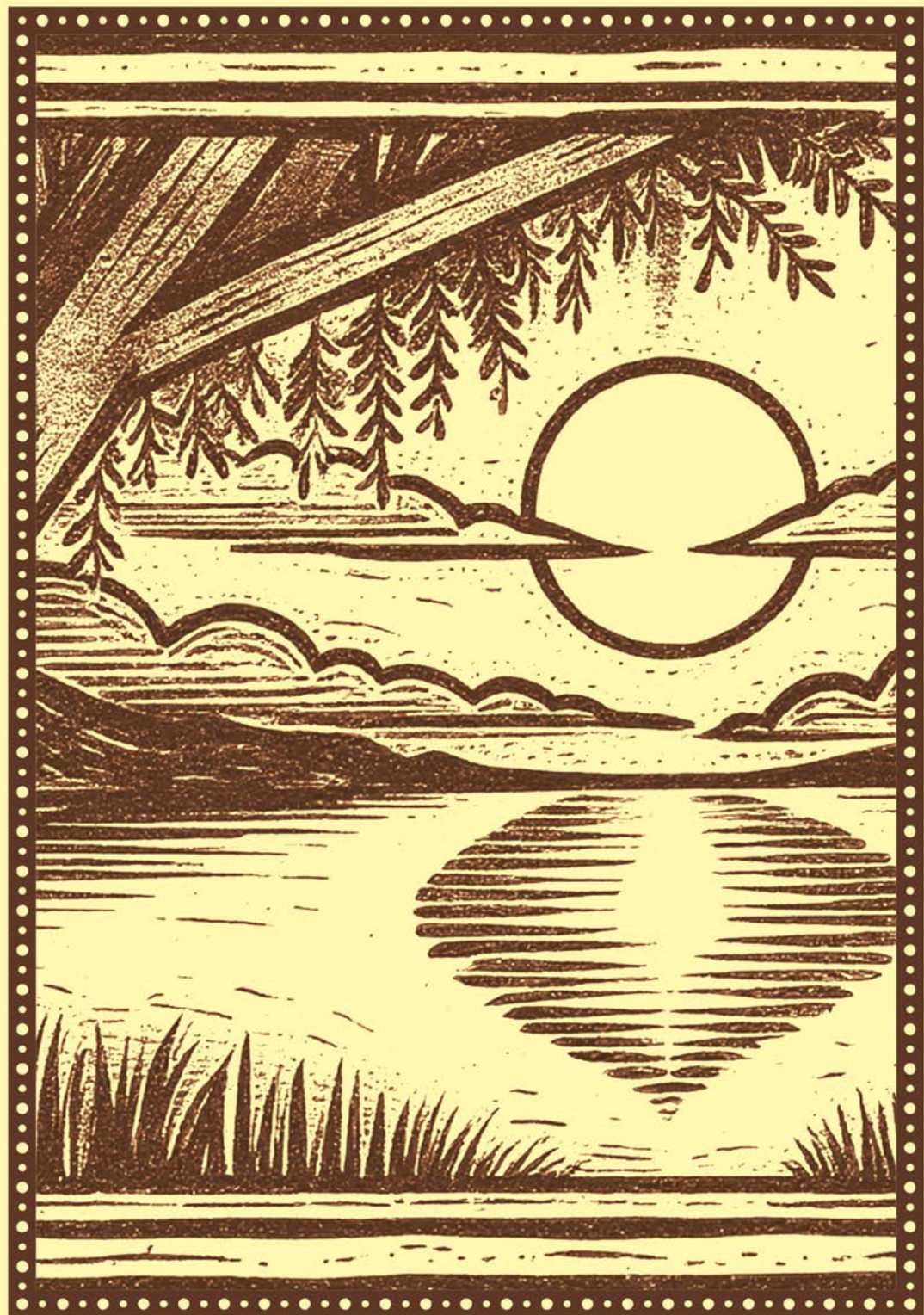
Não há preço que se pague
por viver sem correntes;
liberdade é ter coragem,
caminha entre as gentes;
é a luz que nos clareia
e transforma nossas mentes.

Desde tempos tão antigos,
lutadores vêm gritar
que sem ela a vida é pouca,
sem vontade de lutar;
liberdade é o sonho
que jamais vão sufocar.

Pois, por mais dura que a estrada,
não se deve desistir;
pois a chama da justiça
sempre há de resistir;
liberdade é o futuro
que devemos construir.

Então vamos, de mãos dadas,
sem temer, sem recuar;
Defendendo a liberdade,
pra um novo mundo criar;
que seja o estandarte
de quem quer se libertar.

C. E. O



A VOZ QUE EU IGNOREI

Minha avó me deu de tudo,
carinho, amor e atenção;
me ensinou a ser honesto,
a segurar a oração,
mas eu quis andar sozinho,
fui pra estrada da ilusão.

Ela sempre me dizia:
“Filho, escute a razão.
O caminho que é errado
te arrasta pra escuridão;
quem não pensa no futuro
sofre com a solidão.”

Mas eu rezei e fui teimoso,
só pensava em aventura;
deixei a escola de lado,
troquei o certo na loucura;
num passo sem destino,
me enredei na amargura.

Uma noite, veio a lei,
e me jogou num colchão duro;
atrás das grades geladas,
meu amanhã ficou escuro;
e as saudades de vovó,
e as de vovô — eu juro.

Hoje eu vejo a verdade,
mas não posso mais mudar;
se pudesse, um só momento,
voltaria para escutar;
dava tudo por um beijo
pra poder recomeçar.

Agora é só esperança,
mesmo sem saber se há:
se vovô ainda me espera
ou se um dia vai me perdoar;
só me resta, aqui no escuro,
rezar pra Deus me perdoar.

J. G.



SAUDADES E ARREPENDIMENTO

Na casinha tão singela,
que o sol vinha acordar;
lá no alto da montanha,
via o dia clarear.
Era humilde, era bela,
minha razão de sonhar.

O fogão a lenha aceso,
o café forte no chão,
minha mãe sempre cantava
com amor no coração.
A vida era tão simples,
mas cheia de emoção.

Na lavoura, com meu pai,
aprendi o que é lutar;
cada planta, cada fruto,
era um sonho a germinar.
Do suor da nossa lida,
não me canso de lembrar.

O sol nascia bem cedo,
no horizonte a brilhar;
derramava sua luz
para a lavoura abençoar.
Era o ciclo da esperança,
que insistia em renovar.

Mas o tempo foi passando,
e a vida me levou;
deixei pra trás a casinha
que a infância abrigou.
Hoje pago pelos erros
que meu coração pesou.

Troquei tudo por caminhos
que pensei ser meu querer,
mas a vida deu lições
que custei a entender;
saudades da inocência
que eu quis um dia esquecer.

Na lembrança, a lavoura,
e o monte a iluminar;
minha mãe, o seu sorriso,
meu pai, a sempre lutar.
Hoje sinto as saudades,
como chama a me queimar.

Se pudesse voltar lá,
refazer tudo outra vez,
eu seria o menino,
que a vida não desfez;
na casinha dos meus pais
minha história teve vez.

G. R



VOZ DE DENTRO DAS GRADES

Aqui dentro dessa cela
eu reflito noite e dia
sobre os erros do passado
e a busca por harmonia.
A prisão rouba a liberdade,
mas não terá a minha vida.

O silêncio é companheiro
nas noites de solidão;
só no eco das lembranças
moram em meu coração.
Cada lágrima caída
é lição, é redenção.

Sinto falta do horizonte,
do calor, da luz do sol;
aqui tudo é tão cinzento,
como um céu sem arrebol;
mas a esperança insiste,
como estrela num farol.

Os muros são tão imensos,
tentam-me fazer calar;
mas meu pensamento voa,
vai além de qualquer mar;
mesmo preso no corpo e na alma,
ainda sonho em mudar.

Lembro a família ausente,
o sorriso de uma mãe
que acreditava em mim,
mesmo quando os erros vêm;
o amor dela é corrente,
que me prende ao que é do bem.

Aqui dentro eu aprendi
que o tempo é professor:
cada dia traz um preço,
cada escolha tem valor;
e o desejo da mudança
brotou forte em meu interior.

Espero um dia, lá fora,
caminhar em liberdade;
deixar pra trás o peso
dessa cruel realidade;
escrever minha história
com verdade e dignidade.

Enquanto isso, eu resisto,
mesmo em meio à escuridão,
transformando cada queda
em força e superação;
pois, atrás dessas muralhas,
ainda pulsa um coração.

D. R



DOS SONHOS À SOLIDÃO

Nasci lá no interior,
num ranchinho bem simples,
onde a vida, com fervor
se escrevia num rastelo.
sob o sol, com meu suor,
eu traçava o meu andar.

Desde cedo, na enxada,
ajudava os meus pais;
a esperança era guardada
nos meus sonhos tão reais.
Mas a vida, tão danada,
me trocou os ideais.

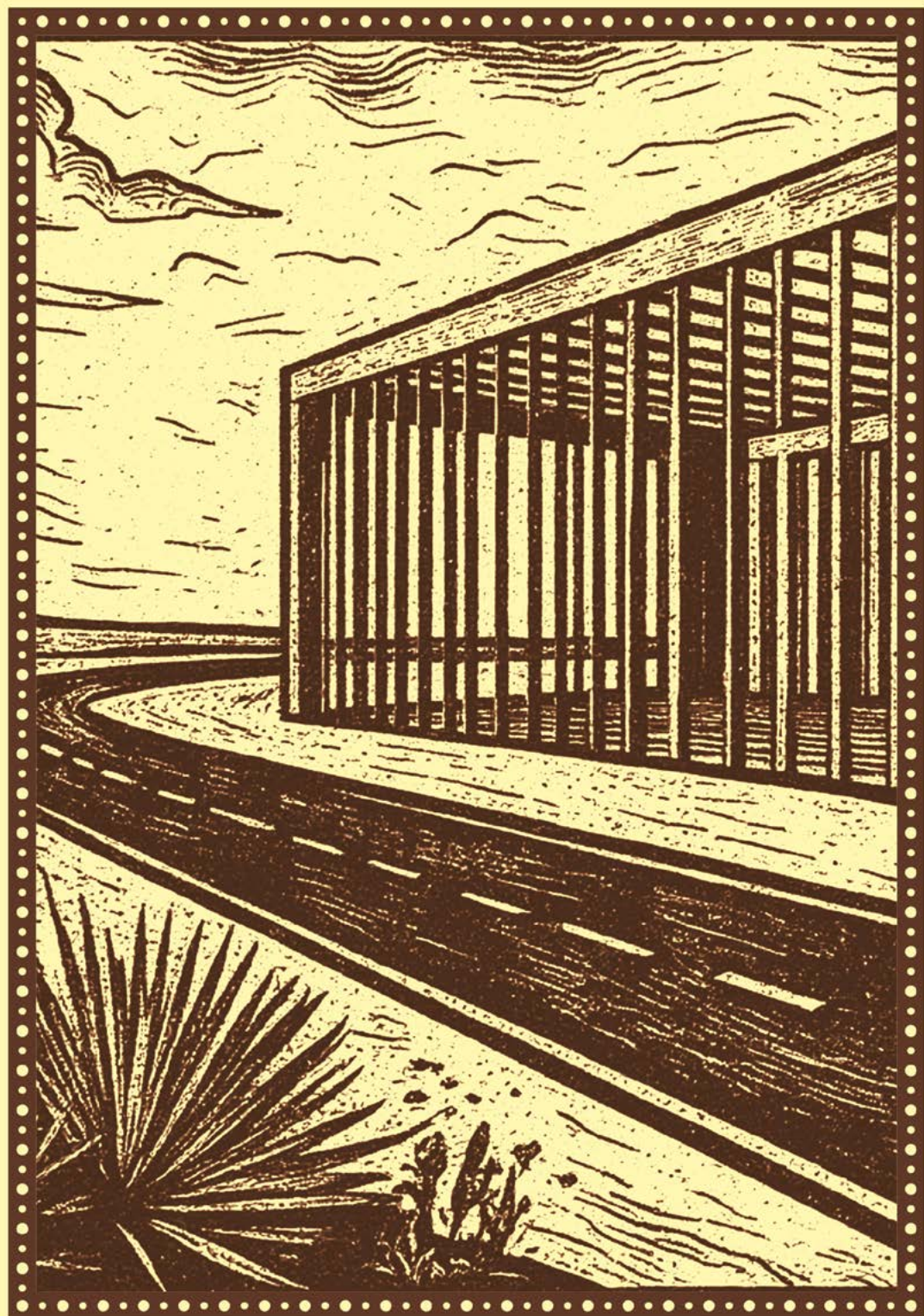
O estudo era distante,
mas a luta era pertinho;
cada dia era um instante
de batalha no caminho;
meu destino inconstante
me tomou feito um espinho.

Um deslize, um tropeçar,
me levou pra escuridão;
e hoje vivo a suportar
atrás dessa solidão.
só me resta imaginar
outra rota, outra estação.

Aqui dentro, no vazio,
o silêncio faz morada;
no cimento duro e frio,
minha alma é maltratada.
O que antes era um rio,
hoje é gota derramada.

Se o tempo me permitir
refazer meu caminhar,
quero ter onde florir,
um futuro pra sonhar;
pois viver é resistir
e aprender a recomeçar.

Í. A



O DESTINO DE JOÃO

Nasceu lá no sertão seco,
sem ter pão nem guarida;
entre a fome e o sufoco,
aprendeu a dura lida;
foi crescendo sem brinquedo,
só com dor e mão ferida.

Seu pai sumiu na estrada,
nunca mais ninguém o viu;
a mãe, mulher tão honrada,
trabalhava e resistiu;
mas João, tão pequenino,
do destino não fugiu.

Sem escola, sem apoio,
foi pra rua trabalhar;
com doze anos, coitado,
já sabia até roubar;
e, na falta de um conselho,
caiu no mundo a errar.

As grades foram chegando
como sombras sobre o dia;
numa noite de infortúnio,
veio o tal da correria;
pegaram João no flagra,
hoje chora em agonia.

Lá da cela, tão escura,
lembra o tempo que perdeu;
a saudade dói no peito
de tudo que não viveu;
queria um colo materno,
mas o mundo o esqueceu.

Se pudesse ter escolha,
se voltasse lá atrás,
trocaria a violência
por um sonho a mais;
mas, agora, atrás das grades,
só lhe resta a dor e a paz.

W. S.



NARRATIVA DA VIDA: CORDEL DE QUEM VIVE E SENTE

A vida é como um fio,
que a gente vai puxando;
em cada passo que damos,
o tempo vai nos moldando;
cada um tem sua história
que vai se contando.

A gente é contador
de tudo que a gente vive;
das alegrias e dos tropeços,
do que a gente permite;
na narrativa da alma,
o que se aprende não se omite.

Tem que carregar o peso
das marcas do que passou;
são dores, são medos,
mas a vida ensinou:
cada cicatriz traz força,
pois o coração não parou.

A memória é um rio
que corre pela mente;
o seu curso são os sonhos
e o que ficou pra sempre;
tudo o que a gente sente
está na alma, firmemente.

Na vida tem alegria,
tem dor e também tem cor;
tem encontros e despedidas,
e o silêncio do amor;
mas também um riso solto
que vem como um clarão, será dor.

Cada atitude que tomamos
é uma página virada;
o presente é o que vale,
é o futuro que se aguarda;
mas o que faz agora
é o que realmente importa.

I. F. N



MEMÓRIAS DA MINHA INFÂNCIA

Lembro bem da casa da
minha avó, tão carinhosa;
com sua comida quentinha,
sempre farta e saborosa.
O perfume de suas mãos
era coisa maravilhosa.

Os tempos eram de ouro,
tão felizes, sem igual;
brincadeiras no terreiro,
alegria sem rival.
Hoje guardo na lembrança
esse amor tão especial.

A mesa cheia de amor,
o pão quente e o café forte;
o abraço da minha avó
era meu escudo e sorte.
Sua voz me dava calma,
sua bênção era meu norte.

Agora que o tempo passou,
só carrego a gratidão;
na memória ela vive,
no meu peito é proteção;
nunca esqueço da vózinha
ela é minha inspiração.

Que a memória nunca falhe,
guardo tudo o que é bom;
pois lembrar dessa infância
é ouvir um belo som;
o amor da minha vózinha
é pra sempre o meu tom.

M. F



SONHO DE UM MENINO PRESO

No silêncio dessa cela,
meu pensamento viaja;
volto ao tempo de criança,
de alegria e de coragem;
brincadeiras na calçada,
vida simples, doce imagem.

Soltava pipa no céu,
corria atrás da esperança;
sonhava com o futuro,
sem saber da cobrança;
hoje choro pelo tempo
que perdi na ignorância.

Minha mãe, com voz tão doce,
me chamava pra jantar;
o cheiro do feijão quente
ainda posso lembrar;
era pouco, mas tão cheio
de carinho e de lar.

O futebol na várzea,
com bola feita de meia;
os amigos da escola
e a risada que clareia;
hoje a cela é tão vazia,
a saudade me incendeia.

Na janela, a lua cheia
lembra as noites no sertão;
ouvindo histórias da vó,
com lanterna e coração;
era um mundo de ternura,
sem grades ou punição.

Se eu pudesse, voltaria
pra aquele tempo de paz;
consertava os meus caminhos,
refazia o que desfaz
mas agora só me resta
aprender com o que ficou pra trás.

Hoje eu busco, no estudo,
uma chance e uma saída,
pra que essa dor que me cala
vire ponte pra outra vida;
quero ser exemplo vivo
de coragem renascida.

Com papel, caneta e fé,
vou plantar nova semente;
minha história não termina
nesse erro, de repente;
ainda existe esperança
no coração de um inocente.

V. S. S. J



SAUDADE DO MEU LUGAR

O lugar onde eu morava,
era bonito de ver,
com o céu sempre estrelado
e o sol vindo aquecer.
Cada canto tinha história,
cada dia um bem-querer.

Minha casa era tão simples,
feita de barro e chão,
mas guardava tantas memórias
dentro do seu coração;
era abrigo, era afeto,
era pura emoção.

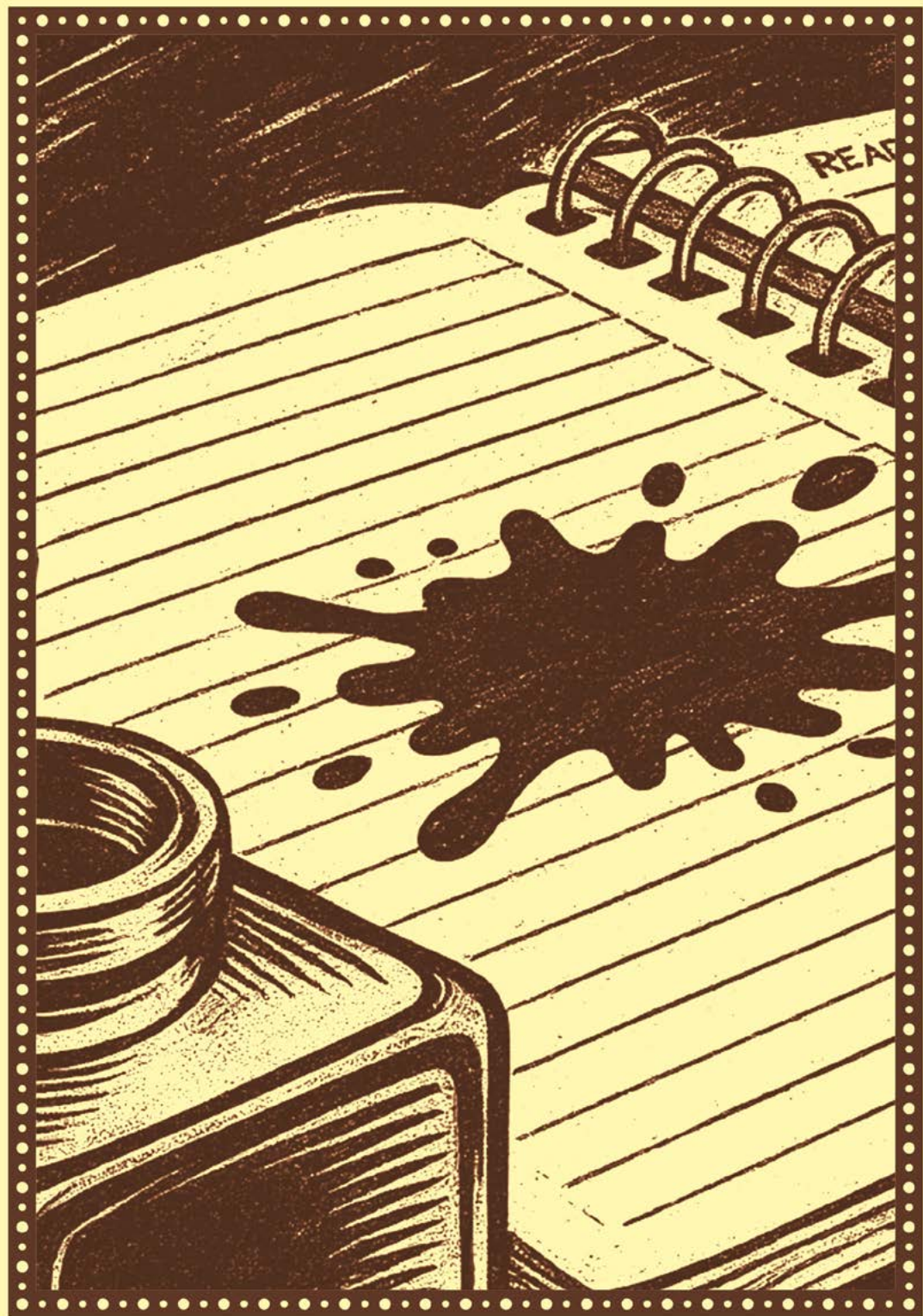
No alpendre, a rede armada
balançava devagar,
enquanto o vento soprava
a cantar e a embalar;
e, no fogão a lenha aceso,
o café vinha cheirar.

No quintal tinha um banquinho
onde eu via o entardecer;
o céu pintava de ouro
as belezas do meu ser;
e eu sonhava com o mundo,
sem querer dele esquecer.

Mas o tempo corre ligeiro,
fez a vida me levar;
hoje moro em outro canto,
mas não deixo de lembrar
do aconchego da infância,
do meu doce e velho lar.

E às vezes bate forte
uma saudade sem fim;
fecho os olhos e me vejo
lá na casa onde cresci,
o passado me abraçando,
feito o colo de mainha.

I. K



NOS VERSOS DA LIBERDADE

Peguei o lápis, rabisquei,
soltei no papel a dor,
as marcas que eu carreguei,
os erros, o desamor;
mas, no canto da esperança,
floresceu um sonhador.

A saudade me castiga
da família e do meu chão,
da mulher que foi abrigo
e acalma o coração;
mas, nos versos que escrevo,
me renasce a emoção.

No silêncio desse espaço,
a palavra é o que me resta;
escrevendo, me refaço:
cada ruína é uma fresta;
se a vida fecha caminhos,
a escrita me faz festa.

Já chorei, me arrependi,
quis voltar, recomeçar;
mas aqui eu descobri
que a leitura é um lugar
onde, mesmo aprisionado,
se pode livre caminhar.

Cada estrofe é um espelho,
revelando quem eu sou;
se um dia fui tempestade,
hoje o sol me despertou;
pois um verso bem escrito
já curou mais que a dor.

O saber me abre portas,
o estudo é meu farol;
mesmo preso, eu vejo a vida
com a luz de um novo sol,
pois quem aprende na escrita
nunca mais será um só.

No cordel eu me encontro,
sou poeta, sou sonhador;
vou vencendo, a cada dia,
meu passado de amargor,
pois quem narra a própria história
dá ao mundo o seu valor.

E, no dia em que eu sair,
sei para onde quero ir;
com meus versos e coragem
tenho forças para seguir;
pois, na luta do renovo,
aprendi a resistir.

A. P



O PREÇO DE UM CAMINHO ERRADO

Eu vim lá do meu sertão,
menino cheio de sonho;
deixei pra trás meu lar,
tão simples e tão risonho.
Na cidade quis tentar,
mas o destino foi medonho.

Lá na roça era alegria,
brincar com o gado ao vento;
no céu azul, a poesia,
mas logo veio o tormento;
busquei futuro melhor
e me perdi no momento.

Na cidade, grande e fria,
me senti logo perdido;
sem apoio ou companhia,
meu coração foi ferido;
nos becos dessa vida,
o erro foi decidido.

Conheci gente errada,
promessas de ouro e luxo;
minha alma foi marcada
por caminhos de falho luxo;
o sertão eu abandonei
e a luz virou capricho.

Troquei a paz da roça
pelo brilho da ilusão;
a violência foi a traça,
e o crime, a tentação;
esqueci dos bons valores,
perdi toda a direção.

Minha mãe, lá no sertão,
derrama a lágrima e padece;
reza, com todo o coração,
para que Deus não se esqueça
do menino tão querido
que a dor hoje entristece.

Se eu pudesse voltar lá,
refazer meu caminhar,
escutava meu pai dizer:
“Seja justo e vá lutar.”
Mas a pressa foi meu guia,
e hoje eu só sei chorar.

O sertão era riqueza,
e eu não soube enxergar;
hoje vejo, na tristeza,
que o simples pode alegrar;
com valores de verdade,
nada pode nos parar.

Fica aqui minha lição
pra quem sonha em partir:
leve, firme, no coração,
o que a vida pode abrir;
escolha bem e siga em paz,
pois o erro faz ruir.

L. F. A

PÓS-FÁCIO

Este volume nasceu de um gesto de escuta e escrita. Ao longo do percurso, cada autor encontrou nos versos do cordel um modo de organizar memórias, afetos e perspectivas, transformando vivências em narrativas potentes. O trabalho editorial buscou cuidar da forma sem tocar na voz, oferecendo um contorno legível e digno para aquilo que foi dito.

Do ponto de vista pedagógico, o processo mostrou que a escrita em cordel pode abrir espaços de autoria e pertencimento, favorecendo a organização do pensamento e a construção de sentidos sobre a própria trajetória. Como equipe, aprendemos a fazer silêncio curatorial: editar margens, tamanhos e padrões, mas preservar a expressão singular que sustenta cada estrofe.

Este é, portanto, um registro — um arquivo de vozes que não pretende interpretar os autores, e sim abrigar seus textos com respeito. Que a leitura continue este movimento: aproximar sem julgar, reconhecer sem reduzir, escutar sem antecipar respostas.

REFERÊNCIAS

Bardin, L. **Análise do conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

Cosson, R. **Paradigmas do ensino da literatura**. São Paulo: Contexto, 2020.

Cosson, R. **Letramento literário: teoria e prática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

Freire, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Global, 2005.

Freire, P. **Pedagogia da autonomia**. 51. ed. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2021.

Freire, P. **Alfabetização: leitura do mundo, leitura da palavra**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

Freire, P. **Educação como prática da liberdade**. 53. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

Galdino, C. **Talentos do cordel alagoano**. Alagoas: Exponte, 2022.

Galvão, A. M. O. **Cordel: leitores e ouvintes**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

Melo, M. C. B. A. Cordel de sala: autoria feminina no cordel contemporâneo. (Dissertação de Mestrado), Universidade Federal de Sergipe, 2016.

Melo, R. A. Do rapa ao registro: a literatura de cordel como patrimônio cultural do Brasil. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, v.13, n.72, p.245-261, 2019.

Melo, R. A. **Literatura de cordel**: conceitos, pesquisa, abordagens. Jundiaí: Paco Editorial, 2020.

AS AUTORAS

Edinéia Xavier Pereira de Lacerda

Graduada em Licenciatura Letras - Português/Inglês pelo Centro Universitário UNISEB, Pós- Graduada em Latu Sensu Educação com Ênfase nos Ensino Fundamental II e Ensino Médio, pela Faculdade UNOPAR e Mestranda em Ciências, Tecnologia e Educação pela Faculdade UNIVC.



Luciana Teles Moura Pirola

Doutora e Mestre em Psicologia pela UFES, especialização em Marketing Empresarial pelo Centro Superior de Ciências Sociais de Vila Velha e Educação Brasileira pela PUC-RS, Graduação em Comunicação Social pela UFES, Graduação em Letras UNIUBE.



ISBN: 978-65-6013-167-5



DIÁLOGO
EDITORIAL